

QUESTÃO AGRÁRIA E O SER DO BRASIL: UMA LEITURA DE FORMAÇÃO DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

Ricardo Oliveira da Silva¹

Há narrativas históricas de meados do século XX onde é possível interpretar uma ontologia do Brasil. Esta é nossa abordagem de *Formação do Brasil contemporâneo*, obra publicada por Caio Prado Júnior em 1942. Neste livro, o processo de formação econômica do país foi apresentado dentro do quadro mais geral de gestação do mundo capitalista, com base na atividade primário-exportadora, via grande propriedade fundiária, monocultura e escravismo. Nestes aspectos interpretamos um modo de ser da economia do Brasil: ser-colônia. Um ser cujo sentido denominamos como ser-para-fora e que se desvela no texto por meio de ciclos e pela existência de dualidades, como, por exemplo, agricultura de exportação x agricultura de subsistência e Litoral x Sertão.

Para apresentarmos esta proposta de trabalho destacamos inicialmente uma breve consideração teórica em torno do conceito de narrativa histórica e da questão filosófica do ser; em seguida, ser-colônia como modo de ser da economia colonial brasileira em *Formação do Brasil contemporâneo*; a manifestação do sentido do ser-colônia no fenômeno dos ciclos e das dualidades; por fim, a relação dessa ontologia no significado da questão agrária na obra de Caio Prado Júnior.

Narrativa histórica e a questão do Ser

Na esteira das considerações teóricas gostaríamos de elucidar que ao nos referirmos ao livro de Caio Prado Júnior, abordamos *Formação do Brasil contemporâneo* como uma narrativa histórica, na distinção entre o “real acontecido” e o texto elaborado pelo historiador sobre o “real”. Paul Ricoeur salienta que a narrativa histórica reivindica esta referência ao “real acontecido” por meio de vestígios, o que consiste na elaboração de um terceiro-tempo, o tempo propriamente histórico, mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Nesta tarefa o historiador recorre “aos **procedimentos de conexão**, tomados de empréstimo à própria prática histórica, que asseguram a **reinscrição do tempo vivido no tempo cósmico: calendário, seqüência de gerações, arquivo, documento, vestígio**”². Por outro lado, esta referência por meio de vestígios retira algo da referência metafórica existente nos textos poéticos, na medida em que o passado só pode ser reconstruído pela imaginação: “o lugar marcado do imaginário

¹ Mestre em História pela UFRGS. Doutorando em História pela UFRGS. Bolsista CAPES. E-mail: <ricardorussell@gmail.com>.

² RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. 3. O tempo narrado. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010, p. 170.

está indicado pelo próprio caráter do ter-sido como não observável”³. Com isto, o tempo narrado torna-se a base da narrativa histórica.

Nossa análise do livro de Caio Prado Júnior ressalta uma ontologia do Brasil, o que constitui o ser do ente Brasil. Ontologia diz respeito ao conhecimento filosófico do ser, o estudo ou conhecimento do que são as coisas em si mesmas, em contraste ao estudo que privilegia suas aparências ou atributos. Opondo-se a tradição de uma ontologia metafísica na filosofia, Martin Heidegger coloca que pensar o ser é pensar no seu sentido a partir do *Dasein*⁴. A compreensão do ser-aí inclui a compreensão do “mundo” e do ser dos entes que se tornam acessíveis dentro do mundo: “*as ontologias que possuem por tema os entes desprovidos do modo de ser da pre-sença se fundam e motivam na estrutura ôntica da própria pre-sença*”⁵. A fenomenologia, centrada no que se mostra em si mesmo, sendo a via de acesso e o modo de verificação para determinar o que deve constituir tema da ontologia: “*fenômeno é somente o que constitui o ser, e ser é sempre ser de um ente*”⁶. Neste caso, compreendemos o tema dos ciclos e dualidades em *Formação do Brasil contemporâneo* enquanto manifestação do sentido do ser-colônia. Não desconsideramos que esta narrativa foi elaborada na relação existencial de Caio Prado Júnior enquanto ser-no-mundo. Porém, priorizamos um estudo da narrativa histórica.

Metodologicamente nossa pesquisa está focada na investigação das relações e diferenças de significados das palavras no texto de Caio Prado Júnior, como *sentido da colonização, atividade mercantil, grande lavoura, ciclos econômicos, grande propriedade/pequena propriedade, agricultura de exportação/agricultura de subsistência e Litoral/Sertão*. Para isto, examinamos os significantes na *différance*, ou seja, “o jogo sistemático das diferenças, dos rastros de diferenças, do espaçamento, pelo qual os elementos se remetem uns aos outros”⁷.

Uma ontologia em *Formação do Brasil contemporâneo*: ser-colônia

A análise da narrativa de *Formação do Brasil contemporâneo* proporciona a interpretação de uma ontologia do Brasil. Antes, um breve esboço biográfico do autor: Caio Prado Júnior nasceu na capital de São Paulo, em 1907, no seio de uma tradicional família de cafeicultores. Publicou seu primeiro livro em 1933, intitulado *Evolução política do Brasil*, com base em uma teoria de aplicação relativamente nova nos estudos sobre o país: o marxismo. *Evolução política do Brasil* surgiu pouco

³ RICOEUR, *Tempo e narrativa...*, p. 312.

⁴ *Dasein* é uma palavra alemã que remete à existência. Uma tradução para *dasein* no português é *ser-aí*. Ao nos referirmos ao *dasein*, optamos pela tradução *ser-aí*, pois o advérbio “*Da*”, no alemão, significa “*aí*”, apontando para o mundo como o horizonte originário de configuração das possibilidades de ser do homem. Contudo, no caso das citações de *Ser e tempo*, traduzido por Márcia de Sá Cavalcante, mantivemos o termo *pre-sença*. Uma das justificativas para o uso de *pre-sença*, por parte da tradutora, está na tentativa de superar o imobilismo de uma localização estática que *ser-aí* poderia sugerir.

⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Parte I. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, p. 40.

⁶ HEIDEGGER, *Ser e tempo...*, p. 68.

⁷ DERRIDA, Jacques. *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 33.

depois de Caio Prado Júnior ingressar no PCB, fato ocorrido em 1931. Esta escolha demarcaria ao longo de sua vida uma trajetória política e intelectual na condição de marxista. No que se refere à obra intelectual, em 1942 apareceu *Formação do Brasil contemporâneo*, seguido de *História econômica do Brasil*, em 1945. Entre 1960 e 1964 surgiram alguns dos principais trabalhos sobre o tema da questão agrária, nas páginas da Revista Brasiliense. Em 1966 o autor publicou o livro *A revolução brasileira*⁸.

No decorrer da década de 1930 as concepções que definem os marcos em que passa a ser pensado o Brasil foram renovados por meio dos livros de três autores que se tornaram clássicos no pensamento social brasileiro, segundo definição de Antonio Candido: Gilberto Freyre, com *Casa Grande & senzala* (1933); Sérgio Buarque de Holanda, com *Raízes do Brasil* (1936); e Caio Prado Júnior, com *Formação do Brasil contemporâneo* (1942). Bernardo Ricupero frisa que não é mero acaso que em um país com passado colonial a formação tenha sido um tema recorrente, como demonstra os títulos e subtítulos de algumas das principais obras deste período: *Formação do Brasil contemporâneo*; o subtítulo de *Casa Grande & senzala* – “*formação da família patriarcal brasileira*”; o livro de Celso Furtado, *Formação econômica do Brasil* (1959) e do próprio Antonio Candido, *Formação da literatura brasileira* (1959). O tema da formação “*indica a preocupação com o estabelecimento de um quadro social mais autônomo, nacional, que se contraporá à situação anterior, de subordinação colonial*”⁹.

Bernardo Ricupero afirma sobre o trabalho de Caio Prado Júnior que este se articula com a tradução do marxismo às condições brasileiras, mediante atenção a uma questão central, qual seja, a relação entre colônia e nação: “*a preocupação com esse problema sugere, além do mais, um dos eixos principais da reflexão do autor: a transição entre situação colonial e a situação nacional*”¹⁰. Nesta circunstância, como coloca José Carlos Reis, para Caio Prado Júnior, “*conhecer o Brasil dos anos 1950-60 exige um retorno ao seu passado [...] ao passado colonial, ao Brasil português, para se obter um conhecimento profundo do Brasil atual*”¹¹. Neste esforço de Caio Prado Júnior esteve a meta em encontrar caminhos para a transição da situação colonial para uma situação nacional, conforme Bernardo Ricupero, e que, segundo nossa leitura de *Formação do Brasil contemporâneo*, fundamentou-se em uma ontologia do Brasil.

A narrativa de *Formação do Brasil contemporâneo* está estruturada mediante três capítulos: *povoamento, vida material e vida social*. Estes capítulos estão precedidos por uma breve introdução sobre o tema da obra e uma parte intitulada *sentido da colonização*, cujo significado articula e confere unidade aos capítulos. Em relação ao tema do *sentido*, consta no livro que:

⁸ SECCO, Lincoln. *Caio Prado Júnior: o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.

⁹ RICUPERO, Bernardo. *Sete lições sobre as interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 24-25.

¹⁰ RICUPERO, Bernardo. Caio Prado Júnior e o lugar do Brasil no mundo. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). *Um enigma chamado Brasil*. 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 230.

¹¹ REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 4ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 200.

*Todo povo tem na sua evolução, vista à distância, um certo “sentido” [grifo nosso]. Este se percebe não nos pormenores de sua história, mas no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais [grifo nosso] que a constituem num largo período de tempo. Quem observa aquele conjunto, desbastando-o do cipoal de incidentes secundários que o acompanham sempre e o fazem muitas vezes confuso e incompreensível, não deixará de perceber que ele se forma de uma linha mestra e ininterrupta de acontecimentos que se sucedem em ordem rigorosa, e dirigida sempre numa determinada orientação*¹².

De acordo com *Formação do Brasil contemporâneo*, seria sob o sentido que se definiria, tanto no tempo como no espaço, a individualidade de uma parcela da humanidade, fosse um povo, uma nação, um país ou uma sociedade. No caso brasileiro, isto impunha analisar o processo de formação do país, com seus antecedentes, nos três séculos de atividade colonizadora efetuada pelos portugueses, enquanto parte da gênese do mundo capitalista moderno. Um processo que acabou “*por integrar o Universo todo em uma nova ordem, que é a do mundo moderno, em que a Europa, ou antes, a sua civilização, se estenderia dominadora por toda parte*”¹³.

No livro ressalta-se que a expansão marítima dos países da Europa, depois do século XV, originou-se de simples empresas comerciais levadas ao termo pelos navegadores daqueles países. Derivou disto o desenvolvimento do comércio continental europeu que, até o século XV, era quase unicamente terrestre e limitado, por via marítima, a uma mesquinha navegação costeira e de cabotagem. No século XV, diante de uma revolução na arte de navegar e nos meios de transporte por mar, uma rota não-terrestre passou a ligar os dois pólos de comércio europeu que surgiram com o esfacelamento do Império Romano do Ocidente: o Mediterrâneo e o Mar do Norte. A rota marítima contornando o continente pelo estreito de Gibraltar. O primeiro reflexo desta transformação, no princípio imperceptível, foi deslocar a primazia comercial dos territórios centrais do continente, por onde passava a rota terrestre, que ia das repúblicas italianas, através do Alpes, até o estuário do rio onde estavam as cidades flamengas, para os territórios que formavam sua fachada oceânica: Holanda, Inglaterra, Normandia, Bretanha e Península Ibérica.

O novo equilíbrio que se firmou desde o princípio do século XV respondeu não apenas por um novo sistema de relações internas do continente, como também resultou de consequências mais afastadas: a expansão européia ultramarina. O papel pioneiro nessa nova etapa ficou ao cargo dos portugueses, os melhores situados, geograficamente, no extremo da península que avançava pelo mar. Enquanto holandeses, ingleses, normandos e bretões se ocupavam da via comercial recém-aberta, e que bordejava e envolvia pelo mar o ocidente europeu, os portugueses foram mais longe, procurando empresas em que não encontrassem concorrentes

¹²PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*. 14ed. São Paulo: Brasiliense, 1976, p. 19.

¹³PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 20.

mais antigos instalados. Assim, buscaram a costa ocidental da África, avançaram pelo Atlântico, onde descobriram as Ilhas de Cabo Verde, Madeira e Açores, e rumaram ao sul do continente africano. Na metade do século XV os portugueses passaram a desenhar um plano mais ambicioso: atingir o Oriente contornando a África. O que *Formação do Brasil contemporâneo* salienta é que todos os acontecimentos desta era que se convencionou chamar de “descobrimientos” compuseram um conjunto que não passou de um capítulo da história do comércio europeu:

*Tudo que se passa são incidentes da imensa **empresa comercial** [grifo nosso] a que se dedicam os países da Europa a partir do séc. XV, e que lhes alargará o horizonte pelo Oceano afora. Não têm outro **caráter** [grifo nosso] a exploração da costa africana e o descobrimento e colonização das Ilhas pelos portugueses, o roteiro das Índias, o descobrimento da América, a exploração e ocupação de seus vários setores. É este último o capítulo que mais nos interessa aqui; mas não será, em sua **essência** [grifo nosso], diferente dos outros. É sempre como traficantes que os vários povos da Europa abordarão cada uma daquelas empresas que lhes proporcionarão sua iniciativa, seus esforços, o acaso e as circunstâncias do momento em que se achavam¹⁴.*

A palavra *caráter* faz referência ao significante *empresa comercial*, este último também articulado com a palavra *essência*. Através do significado resultante da relação entre estes significantes conclui-se por esse texto que seria levando em conta o caráter comercial que se lançaria luz sobre o “espírito” dos povos da Europa que abordaram a América: “a *idéia de povoar não ocorre inicialmente a nenhum. É o **comércio** [grifo nosso] que os interessa, e daí o relativo desprezo por este território e vazio que é a América; e inversamente, o prestígio do Oriente, onde não faltava objeto para atividades mercantis*”¹⁵. A idéia de ocupar, não apenas como agentes comerciais, funcionários e militares para a defesa, organizados em simples feitorias destinadas a mercadejar com os nativos e servir de articulação entre as rotas marítimas e os territórios ocupados, só surgiria como necessidade imposta por circunstâncias novas e imprevistas.

Na América, para os fins mercantis que se tinham em vista, a ocupação não poderia efetuar-se como nas simples feitorias, com um reduzido pessoal incumbido apenas do negócio, administração e defesa armada. Era preciso ampliar estas bases, fomentar um povoamento capaz de abastecer e manter as feitorias criadas, assim como organizar a produção dos gêneros que interessassem ao comércio: “a *idéias de povoar surge daí, e só daí*”¹⁶. Neste ponto Portugal seria pioneiro, cujos primeiros

¹⁴PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 22-23.

¹⁵PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 23.

¹⁶PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 24.

passos já haviam sido dados com a experiência das Ilhas do Atlântico. Contudo, outras questões se impuseram para a ação na América. A primeira foi sobre a natureza dos gêneros aproveitáveis no novo território. No começo ninguém cogitaria outra coisa senão produtos espontâneos, extrativos: “é ainda quase o antigo sistema de feitorias puramente comerciais”.¹⁷ Este foi o caso da extração de madeiras por parte dos portugueses (pau-brasil) para construção e para tinturaria. Os espanhóis, por sua vez, encontraram precocemente metais preciosos, prata e ouro no México e no Peru. Mas os metais, que a imaginação escaldante dos primeiros exploradores pensavam achar em qualquer território novo, esperança reforçada pelas prematuras descobertas castelhanas, não se revelariam tão disseminados como se esperava. Assim, “*viria depois, em substituição, uma base econômica mais estável, mais ampla: seria a agricultura*”¹⁸.

Outra questão que surgiu para a ocupação da América foi em torno do tipo de mão-de-obra a ser utilizada na atividade colonial. O trabalho com mão-de-obra reinol não ganharia espaço. Em Portugal, a população do reino era tão insuficiente que grande parte do seu território se achava inculto e abandonado em meados do século XVI. Faltavam braços por toda parte e empregava-se, em escala crescente, mão-de-obra escrava; primeiramente, dos mouros, tanto dos que tinham sobrado da antiga dominação árabe, como dos aprisionados nas guerras que Portugal promovia desde o começo do século XV nos domínios do norte da África; depois, dos negros africanos, que começaram a afluir para o reino desde meados deste mesmo século. Com base nesta circunstância é que os portugueses deram uma resposta ao fornecimento de mão-de-obra na colônia:

*Os portugueses tinham sido os precursores, nisto também, desta feição particular do mundo moderno: a escravidão dos negros africanos; e dominavam os territórios que os forneciam. Adotaram-na por isso em sua colônia quase que de início – possivelmente de início mesmo -, precedendo os ingleses.*¹⁹

Assim, conforme o texto, foi através deste conjunto de fatores que surgiu nos trópicos uma sociedade inteiramente original. Não a simples feitoria comercial, irrealizável na América, ainda que conservasse desta um acentuado caráter mercantil. A nova sociedade apareceu apoiada na empresa do colono branco que reuniu, à natureza, pródiga em recursos naturais aproveitáveis para a produção de gêneros de grande valor comercial, o trabalho recrutado entre indígenas e o negro africano importado. Para isto houve um ajustamento entre os tradicionais objetivos mercantis que assinalaram o início da expansão ultramarina da Europa, e que foram conservados, com as novas condições em que se realizaria a empresa na América. Neste ponto:

¹⁷PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 25.

¹⁸PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 25.

¹⁹PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 30.

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta **empresa comercial** [grifo nosso], mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o **verdadeiro sentido da colonização** [grifo nosso] tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos.²⁰

O significado de *colonização* aparece na narrativa do texto de Caio Prado Júnior referido pela palavra *empresa comercial*, ou, para sermos ainda mais preciso, por *sentido da colonização*:

Se vamos à **essência** [grifo nosso] da nossa **formação** [grifo nosso], veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. Nada mais que isto. É com tal objetivo, **objetivo exterior** [grifo nosso], voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras. Tudo se disporá naquele **sentido** [grifo nosso]: a estrutura, bem como as atividades do país²¹.

Os significantes que grifamos nas citações anteriores como *empresa comercial* e *objetivo exterior*, nos possibilitam formar um nexos na elaboração de uma ontologia do Brasil na obra de Caio Prado Júnior. A palavra *formação* refere-se à gênese e origem; trata-se de referência ao modo como foi organizada a economia colonial. Esta organização nós conceituamos como ser-colônia. A palavra *essência* indica o sentido; o sentido do modo de ser da economia colonial construída no Brasil pelos portugueses e que interpretamos em *Formação do Brasil contemporâneo* através do *sentido da colonização*: o sentido do ser-colônia é ser-para-fora.

Os modos de manifestação do ser-colônia

Em *Formação do Brasil contemporâneo* interpretamos o modo de ser da economia brasileira como ser-colônia. O sentido do ser-colônia é ser-para-fora, cujo modo de manifestação ocorre através dos ciclos e das dualidades. Sendo assim, tais aspectos,

²⁰PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 31.

²¹PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 31-32.

presentes na narrativa, são compreendidas por nós como fenômenos constitutivos desta ontologia do Brasil.

1. Os ciclos

No livro de Caio Prado Júnior os acontecimentos da vida econômica colonial estão articulados nos oferecendo uma concepção de história econômica marcada por “*uma evolução **cíclica** [grifo nosso], tanto no tempo como no espaço, em que se assiste sucessivamente a fases de prosperidade estritamente localizadas, seguidas, depois de maior ou menor lapso de tempo, mas sempre curto, do aniquilamento total*”.²²

Uma primeira fase de prosperidade, que alcançou os mais antigos centros produtores de açúcar da colônia, em particular Bahia e Pernambuco, e que se estendeu até o fim do século XVII, seguiu-se o declínio logo no início da centúria seguinte; na linha ascendente de prosperidade, apareceram os centros mineradores. Uma ascensão de vida curta, pois já no terceiro quartel do século XVIII ocorreu o progressivo aniquilamento das minas; com isto, voltou-se à prosperidade dos primitivos centros agrícolas do litoral. Neste novo ciclo, o algodão destacou-se ao lado do açúcar. No século XIX, após um novo período de decadência, apareceu o café.

Conforme esta narrativa, o que impulsionava a existência dos ciclos era o interesse comercial dos produtos coloniais no mercado externo, ou seja, os ciclos como manifestação do sentido do ser-colônia. Segundo *Formação do Brasil contemporâneo*, uma conjuntura internacional favorável a um produto qualquer era capaz de impulsionar o funcionamento da colônia e dar a impressão de riqueza e prosperidade. Porém, bastasse esta conjuntura se deslocar, ou se esgotar os recursos naturais disponíveis, para toda a produção declinar e perecer, tornando impossível manter a vida que ela alimentava: “*em cada um dos casos em que organizou um ramo da produção brasileira, não se teve em vista outra coisa que a oportunidade momentânea que se apresentava*”.²³ Para isto eram mobilizados os elementos necessários: povoava-se certa área do território com dirigentes brancos e trabalhadores escravos; desbravava-se o solo e instalava-se nele o aparelhamento material necessário; organizava-se a produção; não se saía disto, e nem as condições de organização permitiam algo distinto; continuava-se neste empreendimento até o esgotamento final, ou dos recursos naturais disponíveis, ou da conjuntura econômica favorável. Depois, “*abandona-se tudo em demanda de outras empresas, outras terras, novas perspectivas. O que fica atrás são restos, farrapos de uma pequena parcela de humanidade em decomposição*”.²⁴ Uma afirmação possível de averiguarmos no seguinte trecho:

É assim que se formou e **sempre** [grifo nosso] funcionou a economia brasileira: a repetição no tempo e no espaço de pequenas e curtas empresas de maior ou menor

²²PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 127.

²³PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 128.

²⁴PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 128.

*sucesso. Algumas foram fulgurantes, mas pouco ou nada sobrou delas. No conjunto, a colônia não terá nunca uma organização econômica que mereça este nome, e alcançara o seu termo sem conseguir equilibrar estavelmente a sua vida. [...] Os resultados, o balanço final de três séculos deste processo, não podiam deixar de ser parcos, de um ativo muito pobre.*²⁵

O *significante sempre*, na relação com *empresas e sucesso*, situa-se no quadro mais amplo do *caráter mercantil* da economia colonial na narrativa de *Formação do Brasil contemporâneo*, e permite abordarmos os ciclos como constitutivos da ontologia do ser-colônia. No entanto, conforme encontramos no texto, há outro fenômeno decorrente dessa ontologia: o dualismo.

2. Os dualismos

Em *Formação do Brasil contemporâneo* a existência de dualidades está inicialmente circunscrito pela diferença de significados oportunizada pelos significantes *grande lavoura e agricultura de subsistência*. Cabe nota que nossa linha interpretativa não procura desconsiderar outras dimensões delineadas na obra de Caio Prado Júnior sobre a economia colonial, como o abastecimento interno e os grupos pobres livres. No caso, privilegiamos esta linha de investigação sobre a existência de dualidades em face dos objetivos de nosso trabalho, ou seja, compreender os dualismos como parte da manifestação do sentido do ser-colônia.

Conforme o texto de Caio Prado Júnior, a agricultura tornou-se desde o princípio o setor de maior sucesso econômico ao empreendimento colonial. A grande exploração agrária surgiu como consequência das circunstâncias que possibilitaram a ocupação e o aproveitamento do território brasileiro: o caráter tropical da terra, os objetivos mercantis que animaram os colonizadores, as condições gerais da nova ordem econômica que se inauguraram com os descobrimentos ultramarinos, na qual a Europa temperada figurou no centro de um vasto sistema que se estendeu para os trópicos com o intuito de buscar neles os gêneros de que necessitava. Foram estes, *“em última instância, os fatores que vão determinar a estrutura agrária do Brasil-colônia”*²⁶.

O regime de grande propriedade também se subordinou ao tipo de colono que migrou para os trópicos: não o trabalhador, o simples povoador, mas o explorador, o empresário de um grande negócio. E com o intuito de ser o dirigente da atividade colonial: *“e se é para o campo que se encaminha, só uma empresa de vulto, a grande exploração rural em espécie e em que figure como senhor, o pode interessar”*²⁷. Para isto, a política da metrópole, rodeada pelos elementos que cercavam o trono ou dele se aproximavam, boa parte de origem nobre ou fidalga e que formaram

²⁵PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 128-129.

²⁶PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 119.

²⁷PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 120.

o contingente que o Reino dispunha para as empresas ultramarinas na América, sobretudo das primeiras levas, esta política orientar-se-ia desde o começo, “nítida e deliberadamente, no sentido de constituir na colônia um regime agrário de grandes propriedades”²⁸. Não ocorreria à metrópole, a não ser no caso tardio dos açorianos, já no século XVIII, fomentar um regime agrário de outra natureza, com uma organização camponesa e de pequenos proprietários.

A monocultura acompanhou o surgimento da grande propriedade, cujo fim esteve na formação da agricultura tropical como fundamento da produção de gêneros de grande valor comercial. Somou-se a isto o trabalho escravo: “é aliás esta exigência da colonização dos trópicos americanos que explica o renascimento da escravidão na civilização ocidental em declínio desde fins do Império Romano, e já quase extinta de todo neste séc. XVI em que se inicia aquela colonização”²⁹. Com isto chegamos em um ponto importante da narrativa do livro:

*Completam-se assim os três elementos constitutivos da organização agrária do Brasil colônia: a **grande propriedade, a monocultura e o trabalho escravo** [grifo nosso]. Estes três elementos se conjugam num sistema típico, a “**grande exploração rural**” [grifo nosso], isto é, a reunião numa mesma unidade produtora de grande número de indivíduos; é isto que constitui a célula fundamental da economia agrária brasileira. Como constituirá também a base principal em que assenta toda a estrutura do país, econômica e social*³⁰.

O significado de *grande lavoura*, também denominada como *grande exploração rural*, se estabelece pela relação com os significantes *grande propriedade, monocultura e trabalho escravo*. No texto de Caio Prado Júnior, outros tipos de atividade, como da mineração, praticada com grande impulso na colônia durante o século XVIII, independente das distinções de natureza técnica, são definidas pela adoção de uma organização idêntica ao da agricultura: “é ainda a exploração em larga escala que predomina: grandes unidades, trabalhadas por escravos”³¹.

Seria por meio do sistema de organização do trabalho e da propriedade, cuja definição estabelecemos no jogo de significantes que grifamos anteriormente, “que se origina a concentração extrema da riqueza que caracteriza a economia colonial”³². Seriam estes os aspectos fundamentais da grande exploração agrária: “de um lado, esta organização da produção e do trabalho, e a concentração da riqueza que dela resulta; do outro, a sua orientação, voltada para o exterior e simples fornecedora do

²⁸PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 120.

²⁹PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 122.

³⁰PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 122-123.

³¹PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 123.

³²PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 124.

comércio internacional”³³. Ou seja, a grande exploração agrária possui sua razão de ser no sentido do ser-colônia, assim como representa um dos pólos do dualismo da economia colonial:

*Na agricultura colonial é preciso distinguir dois setores [grifo nosso] cujo caráter é inteiramente diverso. [...] De um lado, a **grande lavoura** [grifo do autor], seja ela do açúcar, do algodão ou de alguns gêneros de menos importância, que se destinam todos ao **comércio exterior** [grifo nosso]. Doutro, a **agricultura de “subsistência”** [grifo nosso], isto é, produtora de gêneros destinados à manutenção da população do país, ao **consumo interno** [grifo nosso]*³⁴.

Na oposição dos significantes *grande lavoura/comércio externo* x *agricultura de subsistência/consumo interno*, uma consequência da dualidade diz respeito à importância e vulto do setor da grande lavoura, comparado à insignificância do setor da agricultura de subsistência no conjunto da economia colonial. A grande lavoura como o nervo da agricultura colonial. A produção de gêneros de consumo interno, com destaque para a mandioca, milho e feijão, um apêndice da grande lavoura, de expressão puramente subsidiária. Dada à própria estrutura de produção da agricultura de subsistência, “*aqueles gêneros de consumo são produzidos, na maior parte dos casos, nos mesmos estabelecimentos rurais organizados e estabelecidos para cuidar da grande lavoura. Destinam-se a abastecer o pessoal empregado nesta última*”³⁵.

Um segundo contraste oferecido por *agricultura de subsistência* e *grande lavoura* na narrativa está na respectiva organização da produção de cada atividade. O traço essencial da grande lavoura estaria na exploração em larga escala. Cada unidade produtora conjugando áreas extensas e numerosos trabalhadores, constituindo-se como uma usina, com organização coletiva de trabalho e mesmo com especializações. Um caso típico era o da produção açucareira, “*onde o engenho, com seu conjunto de máquinas e aparelhamentos, forma uma verdadeira organização fabril*”³⁶. O açúcar, cronologicamente a primeira atividade que contribuiu para a colonização, “*serviu de base material para o estabelecimento do europeu neste território que haveria de constituir o Brasil, e lhe traria, mesmo em confronto com a mineração, a maior quota de sua riqueza*”³⁷.

Segundo o texto, a disseminação geográfica da cana-de-açúcar se deu em uma ampla área: por todo o litoral, do extremo-Norte, no Pará, até o sul, em Santa Catarina; e no interior, salvo nas regiões semi-áridas do sertão nordestino. Os seus grandes centros produtores, todavia, ficariam restritos em algumas poucas áreas do litoral: “é aí que se localiza o que propriamente constitui a grande lavoura

³³PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 125.

³⁴PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 142.

³⁵PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 143.

³⁶PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 143.

³⁷PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 144.

açucareira”³⁸. Mais especificamente: no litoral Nordeste, da Paraíba ao Sergipe, e nos contornos do Recôncavo baiano. No mais, apenas uma produção pequena e local, mais aproveitada para o fabrico da aguardente, do melado ou da rapadura, de pequena expressão no conjunto da economia canavieira. A organização desta lavoura, mais ou menos idêntica em toda colônia, nos seus traços gerais, teve seu elemento central no *engenho*:

*Designação que da fábrica propriamente, isto é, as instalações para a manipulação da cana e preparo do açúcar, se estendeu à propriedade toda, com suas terras e culturas. O engenho abrange grandes áreas [...] exploradas em parte diretamente pelo proprietário, cedida noutra a lavradores que se obrigam a moer sua produção no engenho do proprietário*³⁹.

O engenho está descrito em *Formação do Brasil contemporâneo* como uma organização complexa e dispendiosa. Todo o aparelhamento do engenho, com terras, culturas e benfeitorias, custando em torno de sete a oito mil libras esterlinas. Para isto, o engenho compreendia numerosas construções e instalações, como a moenda, caldeira, casa de purgar, casa-grande (habitação do proprietário), senzala dos escravos e instalações acessórias como oficinas e estrebarias. Em termos de produção, além dos canaviais, parte da terra era reservada para outros fins, como pastagens, culturas alimentares, estas destinadas ao pessoal numeroso, matas, quando sobravam, para lenha e madeiras de construção. Conforme o texto, “o engenho é um verdadeiro mundo em miniatura, em que se concentra e resume a vida toda de uma pequena parcela da humanidade”⁴⁰.

Vejamos as particularidades da agricultura de subsistência. No livro de Caio Prado Júnior salienta-se, primeiramente, os pontos em comum que existiriam entre os dois setores. Todos os produtos da grande lavoura, como açúcar, algodão e tabaco, eram igualmente consumidos na colônia. Da mesma forma, certos produtos da agricultura de subsistência eram exportados, embora em pequenas quantidades e quase sempre ocasionalmente. Nesta lógica, também eram produtos de exportação. Contudo:

*A proporção é de tal modo favorável, no primeiro caso à exportação, no segundo ao consumo interno, que não há confusão possível. E além deste critério quantitativo, há a considerar a **natureza econômica** [grifo nosso] intrínseca de uma e outra categoria de atividade produtiva: o fundamento, o objetivo primário, a **razão de ser** [grifo nosso] respectiva de cada uma delas. A diferença aí é essencial.*⁴¹

³⁸PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 144.

³⁹PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 145.

⁴⁰PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 147.

⁴¹PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 157.

As palavras *razão de ser* indicam o sentido do ser-colônia na oposição de significados entre *grande lavoura e agricultura de subsistência*.

De modo semelhante ao caso da grande lavoura aparecem, na narrativa de *Formação do Brasil Contemporâneo*, os contornos da organização e distribuição da produção da agricultura de subsistência. Inicialmente, este tipo de agricultura era produzido nos próprios domínios da grande lavoura, nos engenhos e nas fazendas. Estes, em regra, autônomos no que diz respeito à subsistência alimentar dos seus habitantes e trabalhadores. Praticavam-se na grande lavoura as culturas alimentares necessárias para este fim, ou nos mesmos terrenos dedicados à cultura principal, entremendo-a, ou em terras destinadas especialmente para elas. Parte desta tarefa sendo realizada pelo proprietário, que empregava os mesmos escravos que tratavam da lavoura principal e que não estavam permanentemente ocupados nela. Outra parte, realizada por conta dos próprios escravos, aos quais era concedido, geralmente, um dia na semana, para tratarem de suas roças. Tal circunstância ocorreria nos engenhos do Nordeste, mas também nas fazendas de gado da mesma região, assim como nas fazendas do Sul, Minas Gerais e Campos Gerais:

*De um modo geral e em princípio, pode-se dizer que a população rural da colônia ocupada nas grandes lavouras e nas fazendas de gado, e que constitui a maior parte do total dela, provê suficientemente à sua subsistência com culturas alimentares a que se dedica subsidiariamente, sem necessidade de recorrer para fora*⁴².

Nos centros urbanos, contudo, havia a necessidade de socorrer-se ao exterior para a obtenção de alimentos. Sobre este aspecto encontramos no texto a asserção de que *“há momentos em que a alta dos preços dos produtos exportáveis estimula de tal modo estes últimos, que os alimentares são completamente abandonados, e até os grandes domínios têm de apelar para fora no que diz respeito ao seu abastecimento”*⁴³. Diante disto, formou-se um tipo de exploração rural diferente e separada da grande lavoura. Uma lavoura que variou desde a grande propriedade, aproximando-se neste caso, nos seus caracteres exteriores, a grande lavoura, até a pequena roça, chácara ou sítio, *“onde não há escravos ou assalariados e onde o proprietário ou simples ocupante da terra é ao mesmo tempo o trabalhador”*⁴⁴. Com maior ou menor independência do lavrador, e maior ou menor extensão da lavoura respectiva, constituiu-se, paralelamente às grandes lavouras, e geralmente próximo dos centros urbanos, culturas próprias e especializadas que se destinaram à produção de gêneros alimentares de consumo interno da colônia. Porém, *“é um setor subsidiário da economia colonial, depende exclusivamente do outro, que lhe infunde vida e forças. Daí aliás o seu baixo nível econômico quase sempre vegetativo e de existência precária. De produtividade escassa e sem vitalidade apreciável”*⁴⁵.

⁴²PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 159.

⁴³PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 159.

⁴⁴PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 159.

⁴⁵PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 159-160.

Entre as espécies das culturas alimentares produzidas pela agricultura de subsistência no decorrer do período colonial possuíram relevância a mandioca, pelas qualidades nutritivas da farinha, pela adaptabilidade da sua cultura a qualquer terreno e pela excepcional rusticidade. Introduzida pelo trabalho indígena, a mandioca acabou sendo universalmente adotada pelos colonos como gênero básico de alimentação. No Sul, entretanto, haveria o predomínio do milho, favorecido por regiões de água corrente, elementos étnicos, no caso, os paulistas, e o maior emprego nas regiões montanhosas do Sul de bestas de cargas cuja alimentação principal era o milho. Duas outras importantes culturas alimentares da agricultura de subsistência foram o feijão e o arroz. O primeiro se distribuindo, quase sem discriminação, por toda a colônia, com um acento maior em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Espírito Santo. O arroz sendo cultivado para consumo interno em todo o litoral, do Extremo-Norte a São Paulo. Hortaliças um gênero de cultivo excepcional. Com as frutas, o mesmo destino.

Em *Formação do Brasil Contemporâneo* consta outra forma de dualidade expressa pelo contraste de significados dos termos *pecuária do sertão* e *agricultura do litoral*. No capítulo dedicado ao tema da pecuária, afirma-se que esta atividade foi a única que teve algum tipo de importância na economia colonial, com exceção daquelas destinadas aos produtos de exportação, sem, contudo, ser palco dos grandes acontecimentos: “*recalcada para o íntimo dos sertões* [grifo nosso], *escondem-na à vista, a intensa vida do litoral* [grifo nosso], *os engenhos, os canaviais, as outras grandes lavouras*”⁴⁶.

Dado o interesse econômico em torno da grande lavoura, criou-se entre os colonizadores uma distinção entre os sertões, local da pecuária, e o litoral, local das grandes lavouras. As terras aproveitáveis do litoral, tanto pela quantidade como pela localização ao alcance do comércio exterior, foram avidamente ocupadas, não sobrando espaço para outras atividades. No litoral, as atenções das populações ficaram monopolizadas pela grande lavoura, muito mais atraente e lucrativa. Com isto, se a grande lavoura agia em detrimento de outras ocupações, como no caso da agricultura de subsistência, “*muito mais seria com relação à pecuária, que por natureza requer muito mais espaço; sobretudo a nossa pecuária, [...], realizada extensivamente, sem estabulação, silagem e outros processos de criação extensiva*”⁴⁷.

O sistema de criação de gado, com escassos recursos e diante da pobreza dos pastos nativos, impunha áreas muito extensas. Porém, em face dos interesses da grande lavoura, “*viu-se [...] a criação relegada para setores afastados e impróprios para a agricultura*”⁴⁸. Durante o período colonial possuíram relevância três zonas na criação de gado: os sertões do Norte, a parte meridional de Minas Gerais e as planícies do Sul. Ou seja, nas diferenças de significados decorrentes das palavras *pecuária/sertão* e *agricultura/litoral*, surge *Litoral x Sertão*, outra forma de dualidade que manifesta o sentido do ser-colônia.

⁴⁶PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 187.

⁴⁷PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 188.

⁴⁸PRADO JÚNIOR, *Formação do Brasil contemporâneo...*, p. 188.

No livro *Formação do Brasil Contemporâneo* o aspecto agrário da economia colonial ocupa significativo espaço. Segundo Afrânio Garcia Júnior e Mario Grynszpan, estudos em torno das matrizes sociais ordenadoras do mundo rural do Brasil-colônia em meados do século XX, particularmente da *grande lavoura*, articularam-se com os debates sobre os rumos da modernização do país em um período onde se aceleravam os processos de urbanização, de industrialização e de construção de um Estado capaz de gerir os destinos da coletividade. Em tais circunstâncias, “discutir o campo, [...], era discutir a própria formação do Estado e a capacidade deste em influir no destino do país”⁴⁹.

No debate político e intelectual dos anos 1950 e 1960 sobre o que ficou conhecido como “questão agrária”, o trabalho de Caio Prado Júnior apareceu como uma alternativa interpretativa, com implicações políticas, às teses do PCB sobre o campo brasileiro. Conforme Guido Mantega, inspirada nos postulados da III Internacional, de luta pela consolidação do capitalismo como etapa para alcançar o socialismo, e identificando relações semifeudais ou pré-capitalistas na estrutura sócio-econômica brasileira, o PCB “orientava-se por uma revolução democrático-burguesa, antifeudal e antiimperialista, como meta política prioritária na luta pelo socialismo no Brasil”.⁵⁰ A tese de um passado feudal, cujos resquícios ainda se fariam presentes no campo brasileiro na metade do século XX, possuía implicações teóricas e políticas. Sob o ponto de vista político, “a tese feudal tem consequências revolucionárias: impõe a reforma agrária, propõe a luta contra os senhores feudais e seus latifúndios improdutivos”⁵¹.

Um exemplo da interpretação de um passado feudal nós encontramos no trabalho de Alberto Passos Guimarães, um dos principais teóricos do PCB. Em *Quatro séculos de latifúndio*, publicado em 1963, este autor concluiu que quando Portugal decidiu se lançar na empresa colonial, não lhe restou alternativa senão a de transplantar para a América Portuguesa o modo de produção dominante no reino, que ainda seria feudal, apesar de já estar em processo de decadência:

*E o fez cômico de que a garantia do estabelecimento da ordem feudal deveria repousar no monopólio dos meios de produção fundamentais, isto é, no monopólio da terra. Uma vez assegurado o domínio absoluto de imensos latifúndios nas mãos dos “homens de qualidades” da confiança de el-rei, todos os demais elementos da produção seriam a ele subordinados*⁵².

⁴⁹GARCIA JR., Afrânio; GRYSZPAN, Mario. Veredas da questão agrária e enigmas do grande sertão. In: MICELL, Sergio (org.). *O que ler na ciência social brasileira*. 1970-2002. São Paulo: ANPOCS: Editora Sumaré; Brasília, DF: CAPES, 2002, p. 318.

⁵⁰MANTEGA, Guido. *A economia política brasileira*. Petrópolis, RJ: Polis/Vozes, 1985, p. 135.

⁵¹REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC...*, p. 171.

⁵²GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio*. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968, p. 28.

Com base nesta interpretação, o significado de reforma agrária na obra de Alberto Passos Guimarães aparece com um duplo objetivo, qual seja, “romper e extirpar, simultaneamente, as relações semicoloniais de dependência ao imperialismo e os vínculos semifeudais de subordinação ao poder extra-econômico, político e jurídico da classe latifundiária”⁵³.

No texto *Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil* publicado no começo da década de 1960, Caio Prado Júnior expôs uma proposição de reforma agrária cuja meta seria atuar sobre os fatores determinantes na configuração do mercado de trabalho rural, o qual ocorria em detrimento dos trabalhadores. O principal fator que necessitava ser alterado dizia respeito à posição privilegiada dos grandes proprietários em face da concentração da propriedade agrária:

*Uma repartição melhor da propriedade agrária, e o mais fácil acesso a ela para os trabalhadores rurais, constitui portanto a meta principal de uma política orientada para a transformação das relações de trabalho, e melhoria das condições de vida do trabalhador. Mas não há que se ver aí, por não ser o caso, nenhuma superação de pseudo-etapa feudal ou semifeudal, e “ascensão” para o capitalismo*⁵⁴.

Os problemas relativos ao campo brasileiro passaram a ocupar espaço crescente nos textos de Caio Prado Júnior nos anos 1960. Segundo Bernardo Ricupero, “a continuidade com o passado ocorreria principalmente na questão agrária, já que a grande exploração, estabelecida na colônia, teria se mantido”⁵⁵. Desse modo, “a estrutura agrária seria o principal obstáculo para o desenvolvimento do mercado interno brasileiro”⁵⁶. Além da análise de Bernardo Ricupero, com a qual concordamos, podemos afirmar que a ontologia do Brasil em *Formação do Brasil Contemporâneo* fundamenta o significado da questão agrária na obra de Caio Prado Júnior.

Na narrativa de *Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil* afirma-se que da colônia dos séculos XVI ao XVIII, para o país de meados do século XX, ocorreram importantes modificações na rudimentar organização social e econômica do Brasil: houve a ocupação e integração do território em um todo unificado; o crescimento demográfico e o afluxo de novos e apreciáveis contingentes imigratórios; a diversificação das atividades econômicas, com o surgimento de um setor industrial e um considerável progresso urbano; e, acima de tudo, surgiu uma nacionalidade autônoma, com existência e aspirações próprias. Porém:

Essa nova e tão mais complexa estrutura social brasileira, apesar das consideráveis diferenças que a separam do passado, não logrou ainda superar inteiramente esse

⁵³ GUIMARÃES, Alberto Passos. *Quatro séculos de latifúndio...*, 1968, p. 38.

⁵⁴ PRADO JÚNIOR, Caio. *A questão agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 69.

⁵⁵ RICUPERO, Caio Prado Júnior e o lugar do Brasil no mundo..., p. 236.

⁵⁶ RICUPERO, Caio Prado Júnior e o lugar do Brasil no mundo..., p. 236.

*passado, e ainda assenta, em última instância, nos velhos quadros econômicos da colônia, com seu elemento fundamental que **essencialmente** [grifo nosso] persiste, e que vem a ser a obsoleta forma de utilização da terra e organização agrária que daí resulta. A saber, a **grande exploração agromercantil** [grifo nosso] voltada para a produção de gêneros demandados por **mercados excêntricos** [grifo nosso].⁵⁷*

Segundo o texto, a estrutura fundiária, apesar dos aspectos como a concentração da propriedade da terra, as precárias condições sociais e econômicas dos trabalhadores rurais e as dificuldades para o estabelecimento, em bases sólidas, da pequena propriedade, ainda tinha participação relevante no conjunto da economia do país em face do caráter mercantil desta atividade, e que seria:

*Reflexo da **natureza** [grifo nosso] de nossa economia, tal como resulta da formação do país desde os primórdios da colonização, e como se perpetuou, em suas linhas gerais e fundamentais, até os nossos dias. A colonização brasileira e ocupação progressiva do território que formaria o nosso País, constitui sempre, desde o início, e ainda é **essencialmente** [grifo nosso] assim nos dias que correm, um empreendimento **mercantil** [grifo nosso].⁵⁸*

Se retornarmos à leitura da obra *Formação do Brasil contemporâneo*, constataremos que o significado da palavra *essência* relaciona-se com *sentido da colonização*. Em *Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil*, a palavra *essencialmente*, nos trechos que apresentamos, e que se referem a uma análise da atividade econômica preponderante no campo brasileiro, pode ser interpretada na relação com *natureza e empreendimento mercantil*, derivando daí o teor da atividade dos grandes proprietários de terra, sem relação com algum aspecto de tipo feudal. Além disso, ao destacar a estrutura fundiária em suas linhas gerais como *grande exploração agromercantil* voltada para *mercados excêntricos*, a narrativa de *Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil* situa o significado da questão agrária sob a égide do *sentido da colonização*, ou seja, do sentido do ser-colônia.

Considerações finais

A narrativa histórica delineada nas páginas de *Formação do Brasil contemporâneo* apresenta uma interpretação sobre o passado colonial brasileiro calcado no tema do *sentido da colonização*. Conforme esta narrativa, foi construída no Brasil uma atividade econômica em torno da grande lavoura, com base na grande propriedade

⁵⁷PRADO JÚNIOR, *A questão agrária...*, p. 49.

⁵⁸PRADO JÚNIOR, *A questão agrária...*, p. 47-48.

fundiária, na monocultura e no trabalho escravo. Esta organização econômica e social teve por objetivo a produção de gêneros com alto valor comercial para o comércio externo, via intermediação da metrópole portuguesa. O que procuramos ressaltar neste artigo é que este modo de ser da economia colonial pode ser interpretado nos termos de uma ontologia. No caso, ser-colônia como ontologia do Brasil. Tal proposição possui alguns desdobramentos: o sentido da colonização remete ao sentido do ser-colônia, ser-para-fora, manifestando-se através de ciclos e da existência de dualidades. Outros temas expostos no livro de Caio Prado Júnior, mas que não abordamos neste momento, como o mercado interno na colônia e os grupos sociais dos pobres livres, merecem atenção em novo estudo, pois de acordo com nossa leitura de *Formação do Brasil contemporâneo*, eles compõem um quadro que permite pensar na ruptura com o sentido do ser-colônia.

Por outro lado, o significado da questão agrária na obra de Caio Prado Júnior pode ser reportado à ontologia que interpretamos em *Formação do Brasil contemporâneo*. A análise da grande propriedade fundiária em *Contribuição para a análise da questão agrária no Brasil*, elemento posto no texto como preponderante nas atividades econômicas na área rural, aparece relacionado com atividade agromercantil e empreendimento mercantil, termos cujo significado remete ao sentido do ser-colônia. Nessa perspectiva é que compreendemos o questionamento da tese feudal na obra de Caio Prado Júnior que, como já destacamos, possuía implicações teóricas e políticas. O que estava em jogo na resolução da questão agrária nos textos desse intelectual era a própria superação do sentido do ser-colônia na economia brasileira.



RESUMO

O presente texto faz parte de uma pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, através da qual investigamos um ser do Brasil em narrativas históricas de meados do século XX. Neste artigo, apresentamos ser-colônia como uma ontologia do Brasil na obra *Formação do Brasil Contemporâneo*. Na narrativa deste livro, o ser-colônia está baseado no modo de ser da economia colonial brasileira, cujo sentido é ser-para-fora, o qual se comprova no texto pelas suas formas de manifestação: ciclos e dualismos econômicos. Esta ontologia fundamenta o significado da questão agrária brasileira na narrativa histórica de Caio Prado Júnior do começo dos anos de 1960.

Palavras Chave: Narrativa histórica; Ontologia; Questão agrária.

ABSTRACT

This text is part of an ongoing study in the Graduate Program in History of UFRGS, through which a being investigated in Brazil in historical narratives of the mid-twentieth century. In this paper we present be-colony as an ontology in the work of Brazil Formation of Contemporary Brazil. In the narrative of this book, the colony is to be based on the mode of being of the Brazilian colonial economy, whose meaning is being-for-off, which is proved by the text in all its manifestations: economic cycles and dualisms. This ontology underlying the significance of the agrarian issue in the historical narrative of Caio Prado Júnior the early 1960s.

Keywords: Historical narrative, ontology, the agrarian question.